



3 mil garimpeiros ameaçam Caiapós

Cerca de 3.000 garimpeiros que desde sábado estão interditando o tráfego na rodovia Belém-Brasília, ameaçam retomar à força o garimpo de "Maria Bonita" de onde foram expulsos no dia 1º pelos índios Caiapós, segundo informou, ontem, o prefeito do município paraense de Redenção, Arcelides Veroneze, esclarecendo que os trabalhadores começarão a agir no momento em que forem obrigados pela polícia goiana a sair da estrada sem que suas reivindicações sejam atendidas.

Acampados há vários dias em Redenção, à espera de uma definição por parte das autoridades de Brasília, eles eram, inicialmente, 1.500. Na sexta-feira à noite se reuniram no aeroporto e decidiram rumar em direção à Belém-Brasília, em oito ônibus, dezenas de caminhões e veículos menores, saindo pouco depois da meia-noite. A primeira parada foi em Conceição do Araguaia, ainda no Pará, onde almoçaram. Pelo caminho, mais garimpeiros foram aderindo à caravana e, na Belém-Brasília, entre as cidades de Goianas de Colinas e Araguaiana, quando resolveram parar o tráfego, eram cerca de 3.000 manifestantes. Um contingente da Polícia Militar do Pará acompanhou os garimpeiros até a divisa de Goiás.

A manifestação foi financiada em grande parte por comerciantes

do município, preocupados com os prejuízos acumulados com a interdição do "Maria Bonita". Nos últimos meses fizeram investimentos nas lojas de Redenção e no garimpo que, entre máquinas e mantimentos, chegariam a Cr\$ 50 bilhões, a financiar compra de armas para garantir aos garimpeiros a retomada do "Maria Bonita" onde, estão algumas dezenas de índios e quatro agentes da Polícia Federal.

Nas próximas horas a situação poderá tornar-se insustentável se os manifestantes receberem apoio dos garimpeiros da Serra Pelada, desativada por causa das chuvas. Os trabalhadores, parados, reuniram-se na sua cooperativa, no sábado, e informaram que poderiam engrossar a manifestação da Belém-Brasília até à retomada do garimpo.

O prefeito Veroneze sentiu-se mais tranqüilo, disse, depois que partiram: "Eles já não acreditavam mais nas minhas palavras e a situação complicava-se na medida em que não havia uma resposta de Brasília." Na cidade ficaram apenas 25 garimpeiros afetados por malária e internados no hospital. Teme que os homens retornem ainda mais revoltados da rodovia. "Ai, ninguém mais vai conseguir contê-los", explicou o prefeito de Redenção.

Dalari quer garimpeiro armado

O diretor-presidente da Companhia de Terras Mata Geral, João Lanaria do Vale, acusado pelo Major Curió, o deputado Sebastião Moura (PDS-PA) em artigo publicado em *O Estado de São Paulo*, dia 26, de ter instigado os índios Caiapós a invadir o garimpo "Maria Bonita", enviou uma carta ao jornal protestando contra as "declarações levianas" do deputado.

A reserva indígena dos Garotire — da nação Caiapó —, diz ele, até hoje não foi demarcada. Até o advento do garimpo Camuru, o relacionamento dos índios com os fazendeiros ao redor, entre eles a empresa que dirige, "foi o melhor possível".

Com a criação do "Projeto Camuru", os garimpeiros começaram a invadir a reserva indígena, as mais ricas, e depois as reservas de Tarzan, Cumaruzinho e outros: "Neste tempo quem comandava e era responsável pela ordem e disciplina de todo o conjunto era o SNI, com cooperação do DNPM, Sucam, Cobal e Polícia Federal." A compra do ouro era feita pela Caixa Econômica Federal. Os proprietários da área não receberam indenização pelos estragos ocasionados pelas "catas" e lavras.

Em abril de 1984 o SNI resolveu se retirar do comando da "operação garimpo que era o orgulho de alguns oficiais da agência central do SNI" que ficou a

cargo do DNPM, do Ministério das Minas e Energia, da CE e do Banco Central e da Polícia Federal. Em meados de 1984 cerca de 100 índios invadiram a área de Camuruzinho e começaram a circular boatos sobre a invasão de "Maria Bonita". Recebiam 1% sobre a produção do ouro: "Ilegal, de acordo com o código de minas", diz o empresário. Nenhum órgão tomou a iniciativa de dialogar com os índios.

O empresário finaliza sua carta atribuindo a invasão a: 1) a aversão dos índios aos garimpeiros e vice-versa; 2) a impunidade observada na primeira invasão, com total apoio da Polícia Federal "e maus exemplos de outras tribos com total apoio da Funai"; 3) e, finalmente, "o conhecimento de que os garimpeiros, por imposição da coordenação, andam completamente desarmados, não possuindo sequer espingardas de caça para resistir ao ataque dos guerreiros Garotire, dispostos a tudo e armados com carabina de repetição, armas de caça de grosso calibre e não de arco, felcha e borbuna como afirma a Funai".

Lanari termina manifestando sua preocupação com 5.000 garimpeiros vagando pela região, sem recursos e que "somente poderão provocar aborrecimentos e preocupações para os proprietários de terras e, para os centros urbanos, onde já ocorrem saques e violência".